

POULOT, Dominique. *Museu e Museologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. [eBook Kindle]

Cláudio de Sá Machado Júnior¹

Dominique Poulot é um historiador francês, professor da *Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne*, com produção de pesquisa reconhecida internacionalmente nas temáticas sobre história das coleções e dos museus e sobre história cultural do patrimônio. O livro “Museu e Museologia”, publicado pela Editora Autêntica em 2013, é uma tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira para o original “*Musée et Muséologie*”, publicado na França em 2005. A apresentação da versão brasileira é feita pela historiadora Maria Eliza Linhares Borges, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Na introdução do seu livro, Dominique Poulot destaca a autoridade intelectual e estável que os museus desfrutam na contemporaneidade, mencionando aspectos sobre a sua popularização em todo o mundo, assim como o papel que a nova cultura museal exerce a respeito de reflexões sobre a memória e a identidade.

“Museu e Museologia” é composto por seis capítulos: 1) O que é um museu?; 2) O espaço e o tempo das coleções; 3) História dos museus; 4) Os museus da França; 5) A paisagem contemporânea dos museus; e 6) A museologia. No primeiro capítulo, Poulot remete à definição hegemônica do conceito de museu dada pelo *International Council of Museums (ICOM)*, apesar das definições paralelas que podem ser encontradas em disciplinas de museologia. Uma compreensão sobre o que concerne à história do próprio ICOM auxilia no entendimento sobre a construção do conceito de museu, que também é definido por outras instituições, como a *Museums Association (MA)* e a *American Association of Museums (AAM)*. Na França, a Lei nº 2002-5 concedeu o título de *Musée de France* a instituições museais, públicas ou privadas, que tivessem coleção constituída de bens revestidos de interesse público, organizadas com vistas ao conhecimento e à educação.

DOI: 10.1590/0104-4060.44224

¹ Universidade Federal do Paraná. Curitiba, Paraná, Brasil. Rua General Carneiro, nº 460, Ed. D. Pedro I, Sala 413, 4º andar, CEP: 80060-150. E-mail: claudiojunior@ufpr.br

E quais seriam as funções dos museus? Antes de se remeter a definições contemporâneas, Poulot menciona um manifesto publicado no início da década de 1970, que identificava cinco funções elementares: colecionar, conservar, estudar, interpretar e expor. Enquanto na Europa a maioria dos museus segue o princípio da inalienabilidade, nos Estados Unidos muitas instituições trabalham com a ideia de *deaccessioning*, que possibilita a venda de parte de suas coleções. Essas práticas causaram, de ambos os lados, muitas polêmicas ao longo dos anos, como no caso da compra de peças nigerianas pelo *Musée du Quai Branly* (França), legalizadas pela arbitrariedade dos governos, desconsiderando embaixamentos de identidades culturais. Pensar o estado do estudo e da pesquisa nos museus, assim como a comunicação propiciada pela exposição para a difusão de conhecimentos, também é um ponto importante, segundo o autor, para refletir a respeito das funções de um museu.

Poulot destaca a importante mudança na concepção paradigmática dos museus enquanto *dépôts* (depósitos de objetos) para *expôts* (exposição de objetos), redefinindo significativamente seus papéis. Devem ser consideradas ainda as características fundamentais das instituições museais, como: a missão estabelecida quando do momento de sua fundação; a estrutura administrativa e profissional da instituição; a natureza das coleções permanentes; e a própria caracterização do prédio, no que diz respeito à sua arquitetura. Para o historiador francês, manter suas características locais, no que concerne a aspectos culturais regionais, é o grande desafio dos museus, ao invés de se prestar ao mero colecionismo.

No segundo capítulo, Poulot destaca o crescimento dos museus de história, que se destacaram nos períodos históricos de maior fervor patriótico. Há também aqueles relacionados a valores específicos de correntes de acontecimentos históricos, como o *Mémorial de Caen*, situado na Baixa-Normandia francesa. No entanto, o autor lembra que a primeira instituição francesa deste tipo foi criada ainda no final do século XVIII, ou seja, o *Musée des Monuments Français*. Ainda se destacam na lista do autor os museus românticos, caracterizados por certo mimetismo temático, como o *Musée Du Cluny* e o *Château de Versailles*, também na França. Dominique Poulot também menciona a tipologia dos museus de ciências, responsáveis pela difusão da história ou do futuro das ciências, e os museus de ciências sociais, privilegiando as próprias transformações ocorridas no âmbito desta disciplina.

A proliferação de museus que se remetem ao holocausto tem o caráter museal tipológico dos lutos e das reconciliações, que segundo o historiador podem, por vezes, levar a uma espécie de fetichismo narrativo, amenizando os traumas com uma simulação de continuidade identitária. No âmbito da reconciliação, Poulot destaca o *Apartheid Museum*, situado na Johannesburg, na África do Sul,

que rememora o passado de forma familiar e sombria, mas também comemora e glorifica aqueles que lutaram com o regime discriminatório. Trata-se de uma forma, muitas vezes competente, de aproximar a dimensão antropológica da emoção à memória histórica. O autor ainda destaca o papel dos museus etnológicos, como o *Haus der Rheinischen Heimat*, em Köln, Alemanha, e o *Musée d'Ethnographie du Trocadéro*, em Paris.

Sobre as representações do espaço social, o autor menciona os museus específicos sobre as cidades, especialmente, no caso francês, difundidos pelo interior do país, como em Grenoble ou em Saint-Quentin-en-Yvelines. Poulot lembra a criação dos museus ao ar livre, uma ideia originada na Suécia que pretendia ampliar o conhecimento sobre os objetos do *Nordiska Museet*, de Estocolmo, através de atividades tradicionais e demonstrações folclóricas. Os ecomuseus, por sua vez, cujo nome remete à Conferência Geral do ICOM de 1971, propõem a emersão da ideia de patrimônio vinculado a um meio ambiente e a uma comunidade, caracterizado pelos territórios de campos de intervenção e pela participação popular. O aparecimento de novos ecomuseus, vinculado a um movimento internacional da Nova Museologia, foi especialmente significativo a partir da década de 1990.

No terceiro capítulo, Dominique Poulot dedica-se a alguns aspectos históricos das instituições museais, partindo notadamente de experiências iniciadas ainda no século XVIII com a criação de museus italianos, como o *Museo Pio Clementino*, em Roma, e alemães, como o *Museen Kassel*. No século XIX, segundo o historiador, o museu clássico europeu foi o símbolo ou de uma nação ou de uma coletividade e, posteriormente, foi ganhando perspectivas vinculadas a um saber universal, um vínculo social e um viés edificante. Desta forma, todo museu assume um papel educativo, uma espécie de missão de instrução pública, que lhe é atribuída e lhe dá legitimidade. No contexto europeu, Poulot destaca o protagonismo da Inglaterra, da Alemanha e da França no que diz respeito à constituição de modelos museais, especialmente pela importância atribuída aos seus acervos e pela gradativa abertura de novos estabelecimentos.

É interessante observar também que a criação de muitos museus europeus, notadamente os franceses, serviu como pretexto para a realização de uma nova proposta urbanística das cidades. Muitas vezes a localização central das instituições favorece esta intervenção, ou motivação, à modificação do aspecto urbano. E, desta forma, muitas vezes o museu ganha espaços públicos, com a construção de estátuas em praças ou mesmo nas proximidades do estabelecimento. Para o historiador, Viena, capital austríaca, pode ser considerada como um caso exemplar, de acordo com a experiência que faz em relação ao *Kunsthistorisches Museum* e ao *Naturhistorisches Museum*. No que diz respeito a aspectos museográficos, a preocupação que pautou as discussões entre o final do século XIX

e o início do século XX, segundo Poulot, foram aspectos referente à iluminação de objetos e ao sistema do que denominou como “dependurar peças”.

Já nos Estados Unidos, o Congresso aprovou, em 1846, o recebimento de uma doação de aproximadamente US\$ 1 milhão e meio que seria destinado à criação de um museu de caráter, segundo descrição da época, realmente pedagógico. Desta forma, desenvolve-se a proposta do *Educational Museum*, que estaria associado a bibliotecas e laboratórios, servindo como uma extensão do ensino primário ao universitário. Já na experiência do século XX, o *Museum of Modern Art* (MoMA), de Nova York, disponibilizou uma exposição específica sobre a tomada do poder cultural pelos nazistas e as diferentes categorias de público já se caracterizavam como uma preocupação para os gestores dos museus estadunidenses. Dominique Poulot associa certa influência do pensamento de John Dewey na organização de exposições, considerando a profusão dos livros *Art and Education* (1929) e *Art as Experience* (1934).

Citando Philippe Ariès, sobre uma concepção de aproximação entre presente e passado, em meados das décadas de 1970/1980, Poulot menciona sobre o relativo sucesso que a história das mentalidades teve nos museus. O tema da criminalidade histórica, por exemplo, ganhou um espaço significativo nas exposições deste período, mas teve pouca repercussão social. Para Dominique Poulot, a ética profissional dos historiadores de formação universitária, que distingue representações do passado e a realidade da história, inviabiliza possíveis usos públicos mais efetivos de seu ofício, reduzindo a importância do seu trabalho a mero produto da curiosidade, termo cunhado de Paul Veyne.

Na sequência do livro, no quarto capítulo, Poulot desenvolve uma descrição sobre algumas especificidades dos museus da França. Neste caso, é nítida a influência das origens enraizadas na Revolução Francesa, mas também mantém uma relação diferenciada com o Estado. Seus modos de organização e suas preocupações pedagógicas estiveram, durante muito tempo, inspirados tanto na literatura quanto em práticas acadêmicas. Seguem como temas abordados pelo historiador francês neste capítulo: os meios de agir dos museus franceses, os debates museográficos, particularmente no *Musée du Louvre*, a defesa das carreiras liberais no âmbito das Belas-Artes e a tradição distributiva nacional. Desta forma, Poulot apresenta ao leitor algumas especificidades históricas presentes nas narrativas sobre os museus franceses, ora tendo como focos os artistas, ora as próprias instituições.

Destaca-se na França, em 1895, a criação da *Réunion des Musées Nationaux*, marco importante da historiografia dos museus que possibilitou às instituições certa independência. Numa aproximação entre museu e escola, Poulot diz que ambas instituições acabavam contribuindo para a formação dos artistas, sendo que o museu deveria assumir também a responsabilidade de desenvolver

uma “pedagogia do olhar” para todos os cidadãos. Mas ao longo do século XX, este papel atribuído ao museu foi gradativamente minimizado. O historiador francês conclui o capítulo através de um panorama das políticas voltadas para a difusão das artes no final do século XX, destacando a intermediação do *Haut Conseil des Musées de France*, tendo a proteção das coleções como foco, dada a inalienabilidade declarada no âmbito do domínio público. Em 2007, a marca do *Musée de France* atingia 1.207 estabelecimentos museais, para um número estimado de 48 milhões de visitantes.

No quinto capítulo, Dominique Poulot destaca o fenômeno local como importante para a multiplicação dos museus. Por outro lado, a superexposição comunicacional, permeada pelo uso das novas tecnologias, tende a banalizar alguns projetos. Observa-se, aliás, uma indefinição peculiar sobre a identidade dos museus. A quantidade de museus existentes, oficialmente reconhecidos, é indefinida, mas estima-se que, até 2005, fossem aproximadamente 35 mil estabelecimentos, podendo estimar uma quantidade muito superior. As muitas transformações ocorridas quanto à caracterização das propostas dos museus modificaram também suas coleções, que ficaram mais abertas à história recente, às experiências imigratórias recentes, aos movimentos de sindicalização, entre outros. A tendência contemporânea dos museus, segundo Poulot, é não deixar escapar nada.

O que Lawrence Stone anunciou como o “retorno da narrativa”, concretizou-se na museologia, de uma forma mais ampla, nas práticas de roteirizações. O historiador francês cita o exemplo do *Pointe-à-Callière, Musée d'archéologie et d'histoire de Montréal*, no Canadá, que passou a definir suas abordagens através da encenação de personagens históricos. Traçando uma museografia da estranheza, Poulot diz que, atualmente, os estudos sobre o museu entraram numa “era da suspeita”, voltando-se para estudos sobre si próprios.

Tendo a ampliação de público como alvo, foram ressignificados como locais de instrução e também de diversão. O sucesso destas exposições geralmente é definido pelo número de visitantes e muitas vezes também contribuem para o desenvolvimento cultural e para a inclusão social: uma reinvenção do museu como agente de transformação da sociedade. A retomada do conceito de *musée imaginaire*, cunhado por André Malraux, caracteriza, segundo Dominique Poulot, uma nova mitologia dos museus. Tanto no sentido abstrato quanto literal, considerando a contribuição das novas tecnologias para a experiência com os chamados museus virtuais e também a composição física, com significativas inovações nas suas propostas arquitetônicas. Há também uma incorporação de bens de serviços, como lanchonetes, livrarias, lojas e parques, que propiciam uma mudança no perfil destas instituições.

Por fim, Poulot destaca no sexto capítulo alguns aspectos históricos e conceituais da museologia. As origens da museologia retomam a tradição dos gabinetes, que remete o autor a publicações dos séculos XVIII e XIX. Na contemporaneidade, o historiador francês destaca o crescimento significativo de uma bibliografia especializada, visibilizada por uma quantidade numerosa de publicações. Vincula-se diretamente ao aumento das formações acadêmicas, segundo o autor, numa abrangência internacional significativa. O *International Committe for Museology* (ICOFOM), criado em 1976, assume um papel importante nesta nova configuração, sendo um local de importantes discussões concomitante à constituição de uma disciplina de caráter científico, incidindo sobre a composição das profissões e o respectivo quadro de pesquisa. Caracteriza-se, conforme as palavras de Poulot, como uma ciência social em construção.

As conclusões do historiador francês, por sua vez, sugerem caminhos a partir de algumas reflexões sobre a convivência mútua de uma ampla diversidade de museus. Àqueles que não têm acesso à publicação original francesa, “*Musée et Muséologie*”, de Dominique Poulot, encontrarão uma boa leitura na tradução “Museu e Museologia”, proposta pela Editora Autêntica, disponível tanto no suporte impresso quanto em *e-book*. O livro fornece um excelente panorama da temática, sendo acessível tanto para iniciantes como para especialistas. No que concerne ao interesse dos pesquisadores da educação, destaca-se a apresentação que Poulot faz sobre o papel pedagógico dos museus, tanto no âmbito histórico quanto contemporâneo, e em suas diferentes abordagens e tendências.

Como dito no início desta resenha, o autor tem reconhecimento internacional pela sua produção acadêmica, tendo sua obra traduzida para diversas línguas. Dominique Poulot é uma referência presente em grande parte da bibliografia dos trabalhos da área de museologia, história, educação patrimonial e, mais especificamente, patrimônio educativo. Em suma, trata-se de uma leitura indispensável para quem trabalha com a temática, mas também é recomendada para quem deseja conhecer mais sobre aspectos históricos, instituições e, de maneira objetiva, definições conceituais.

Texto recebido em 05 de dezembro de 2015.

Texto aprovado em 05 de dezembro de 2015.